

O primeiro amor

ANTÓNIO COIMBRA DE MATOS *

«O nascimento do meu último irmão — tinha eu 10 anos — marca um passo decisivo na minha evolução. Fiquei como que abanado, atordoado; não foi ciume, foi um choque; quis voltar à infância, a ser pequeno — uma vontade enorme de voltar a dormir com a minha mãe, encostado, colado ao corpo dela, creio que lho cheguei a pedir, mas ela não aceitou e ficou muito admirada, não contava com aquela minha atitude e aquele desejo. Ela, que já me considerava um homenzinho, deve ter caído das núvens.

«Passei, a partir de então, a ter uma relação muito especial com a minha irmã mais velha. Passaram os conflitos, passei a entender-me bem com ela; a gostar de andar com ela, era como uma espécie de minha namorada. Ou mais que isso; o nosso irmãozito era como o nosso filho. É por essa altura que, subitamente, eu me apaixono pela Ana, a colega da minha irmã. Foi uma paixão assolapada, platonica, que durou anos. E mesmo muito mais tarde, com oscilações várias, era sempre a mulher dos meus sonhos. E que diferente ela era da minha mãe e da minha irmã — miudinha, muito morena com uns lindos cabelos pretos, compridos e lisos, um olhar profundo e lânguido, beijos finos, olhos escuros... Mas, no fundo, era a minha mãe — passando pela minha irmã — que eu perdera...!»

«Oh, que triste vida! Apetecia-me dizer, como o poeta.

«Mas vai longe esse tempo, e cessou o luar... É à luz da electricidade que eu trabalho; no fragor do ruído que existo. O silêncio da noite do passado morreu em parte; tocam as trombetas do agir, o que não dá para embalar.»

Este foi o seu primeiro amor exogâmico. Mas, por medo e aceitação das opiniões da mãe — pessoa que receava e admirava (e que não via com bons olhos esta ligação amorosa infantil) —, *desiste e afasta-se; por obediência e submissão à mãe, ainda que à custa de um estado depressivo.*

A mãe, hipermoralista e idealizante, repressiva, dominadora e *dominante* — ele admirava-a, bebia as suas palavras, incorporava sem crítica as suas razões —, interiorizada no sistema Super-Eu/Ideal do Eu, e enquanto que objecto externo influente, condu-lo à derrota de si próprio. Por medo do objecto interditor (externo e interno) e admiração do modelo de valores (externo e interno), desiste e afasta-se — do seu querer e gostar, do seu objecto e objectivo libidinais.

«Foi num dia de Verão que eles — ela e os pais — vieram visitar-nos, ver o meu irmãozinho. Andei numa enorme alegria e excitação. Passei a tarde com ela: na piscina, ao sol, na relva... É capaz de ter sido só um bocado; na minha recordação foi a tarde inteira.

«Agora, aqui, há uma parte confusa:

«Eles ficaram lá em casa nessa noite. A minha ideia é que dormi no quarto da minha irmã, na mesma cama com ela e a minha irmã;

* Psicanalista didacta da Sociedade Portuguesa de Psicanálise.

que convenci disso a minha mãe, para não ter de arranjar outra cama; os pais dela teriam ficado no meu quarto; que estava ao mesmo tempo excitado e envergonhado com a ideia. Mas não sei se isto é fantasia minha ou realidade. Eu tinha uma grande capacidade de convencer a minha mãe; não era só ela a mim, a relação era recíproca. Mas custa-me a crer que a minha mãe fosse nisso. O mais provável é, até, que eles não tivessem ficado lá em casa, que partissem à noite algum tempo após o jantar. Que tivéssemos estado a brincar no quarto da minha irmã; eventualmente, tivéssemos adormecido; que tivesse havido alguma brincadeira sexual. Que seja uma destas misturas entre o desejo, a fantasia e a realidade. Aqui estão as coisas envoltas numa névoa. A imagem mais clara que tenho é aos pés da cama, com ela, debaixo de um cobertor..., envergonhado.»

Submete-se à vontade da mãe e à determinação do seu próprio Super-Eu. E às limitações reais que a sua tenra idade lhe impunha; havia também a distância que os separava, viviam longe um do outro. Mas o que é certo é que recalca este seu primeiro amor sexual e romântico. Sonha com a rapariga, mas não a volta a ver durante vários anos. Torna-se menos activo, mais apagado. A sua primeira grande depressão — embora não evidente para os circunstantes — data dessa época. «Não há amor como o primeiro, nem luar como o de Janeiro», disse um poeta.

Perda, recalçamento, submissão; tristeza, inibição, masoquismo. A encruzilhada do acontecer depressivo.

Neste moço, é o período do menino bem comportado, modelo do bom-senso e da educação. Admirado pelos adultos, recuperando em grande parte o afecto perdido da mãe; mas, no fundo, mais infeliz. E assim chega à adolescência.

A crise da juventude estala em euforia, mas sucumbe em depressão — arrastada, lenta, mais ou menos crónica.

Vem para a análise com um quadro de inibição fóbica; mas a organização caracterial obsessiva é o traço profundo da sua relação de objecto — quase silente; contudo, o centro do trabalho analítico.

A *tendência inconsciente a desculpar o objecto* (o objecto infantil — a mãe — e o objecto actual — o analista) — reagindo depressivamente (por submissão, tolerância, culpabilização de si mesmo, concordância,

admiração e idealização do objecto) ou paranoicamente (por projecção no outro — isto é, fora da relação privilegiada — do Super-Eu e da culpa, com ataque e demolição desse outro) — constituía, neste caso como em muitos mais, o núcleo da neurose infantil (no seu sentido essencial — o da relação ou sistema relacional patogénico e patológico, traduzia-se ou não em sintomas de neurose da infância, em formações ulteriores de compromisso na neurose do adulto, em neurose de comportamento ou em simples traço de fundo — «marca de origem» — do carácter) e, obviamente, o centro da neurose de transferência (no que esta tem de mais genuíno — a atitude relacional profunda e espontânea com o analista, inscrevendo-se em filigrana como a ossatura que sustenta e define a traça do estilo relacional que o analisando estabelece connosco).

E esta tendência a safar a face do objecto para salvar uma relação que o indivíduo considera como necessária — ou, mesmo, sente como imprescindível — é uma das maiores resistências que se opõe ao processo analítico e um factor constante — ainda que com peso muito diverso — em todo o desenvolvimento neurótico, constituindo o núcleo da depressividade.

Geza Róheim (1943) defende uma opinião idêntica:

«Na neurose nós constatamos que o conflito entre o Super-Eu e o Eu se termina pela derrota do Eu.

«O Eu acha-se culpado e o sujeito encontra-se, por conseguinte, num estado de luto permanente. Por outras palavras, o elemento fundamental, na neurose, é a melancolia.»

Quer dizer: o grande problema da psicopatologia é que o indivíduo se culpa para desculpar o objecto — designadamente nas «doenças» da introjecção do mau objecto: depressão, neurose obsessiva e histeria (nas «doenças» da projecção do introjecto mau — esquizofrenia, paranóia e fobia — há uma projecção da culpa para *fora da relação fundamental e privilegiada*; é a *separação para fora da relação dos atributos negativos do objecto* — e do sujeito —, enquanto que nas primeiras há uma introjecção das propriedades negativas do objecto — *separação para dentro*) (1).

(1) Foi feita uma exposição sumária desta conceptualização em «Esboço de Síntese da Psicopatologia» — *Notícias Médicas*.

«A neurose é o negativo da perversão», disse Freud. Preferimos dizer que a neurose é o negativo da sexualidade infantil (que não é necessariamente perversa); ou, em maior rigor, que a *neurose é a inibição da sexualidade infantil* (neurose infantil) ou resulta (neurose do adulto) da inibição da sexualidade-espontaneidade infantil (que engloba a agressividade; quer dizer, tudo o que é expansão do ser). A neurose é, em última palavra, a sequência da limitação excessiva do livre desenvolvimento individual.

Assim concebido o quadro básico da neurose, podemos dizer — e ainda com Rôheim — que há mais duas evoluções correntes: a da sublimação, em que o *Id* se alia ao Eu, desmontando o Super-Eu, o que a aproxima da mania (já vimos que a neurose era, para este autor, aproximada da depressão); e a da adaptação, em que o Eu se alia com o *Id*, na ausência do Super-Eu. Corrigindo esta opinião no que ela tem de excessivo, podemos conceber que na sublimação o Eu se alia com o *Id* encontrando uma solução para os desejos deste que não colida com as normas do Super-Eu; enquanto que na neurose o Super-Eu impõe ao Eu uma conduta que abafa, reduz ou sabota as pretensões do *Id*; e na adaptação o Eu coloca-se do lado do *Id*, obedecendo mais à realidade que ao Super-Eu. Na perversão, há uma sexualização de atitudes regressivas, defensivas ou desviantes, ou um hiperinvestimento de componentes acessórios do instinto (tendências parciais); ou, ainda, fixação na excitação da sexualidade/genitalidade infantil — o que está inibido, porque interdito, é o comércio sexual adulto (em grau menor, é a perversão histórica).

Mas o grande passo evolutivo é a passagem de um mundo oferecido e imposto para um mundo escolhido e criado. É a desvinculação dos objectos do passado e a desistência dos objectivos infantis para assumir a vinculação aos objectos do presente e a orientação para os objectivos do adulto. É a última etapa do desenvolvimento, que se opera na adolescência.

Contudo, é evidente que este movimento de *autonomia e expansão* — e realçamos o componente de *expansão* — começa muito antes: desde que o vínculo primário se torna menos necessário ao preenchimento das necessidades biológicas, à medida que o crescimento vai fazendo da criança um ser menos imaturo. Concomitantemente à autonomia, à expansão e à escolha e adesão a novos objectos, o indivíduo vai abdicando da posse exclusiva do

objecto primordial e edipiano, devolvendo-o aos rivais fraternos e ao rival parental e reservando para si a quota parte da relação que é possível e adequada ao nível evolutivo atingido. Então, o sujeito não perde o objecto primário e/ou incestuoso; mas sim, vai estabelecendo com ele uma diferente relação. No bom desenvolvimento afectivo não há propriamente perdas nem mudanças bruscas, mas *evolução relacional*; o indivíduo não perde a mãe e o pai — nem como objectos externos, nem como objectos internos —, mas modifica, progressivamente, a sua relação com eles. Não é, portanto, muito correcto dizer-se que se trata de um luto das imagos parentais; mas, sim, da transformação dessas imagens e, sobretudo, da modificação da relação com esses objectos.

Na depressividade, a negação e clivagem das partes ou qualidades más do objecto — isto é, a negação e clivagem do mau objecto — conduz à idealização do objecto. Todavia, o *objecto idealizado não é um bom objecto*; bem ao contrário, *pela sua exigência de perfeição*, torna-se um objecto «perseguidor», levando à inibição e obsessionalização, ao sentimento de inferioridade e à depressão.

E, como sempre, não há fumo sem fogo:

A tragédia deste homem é que amou a mãe, investiu-a segundo um modo de relação objectal — vale dizer, de objecto total —; enquanto que a mãe se amava sobretudo a si própria, investindo o filho sob um modo de relação narcísico — quer dizer, de objecto parcial (o filho foi amado principalmente como instrumento do seu [dela] próprio prazer — o orgulho de ter um filho belo, inteligente e bem educado —, sendo rejeitado quando não o era suficientemente [e é esta a base da sua profunda ferida narcísica]). É um sistema relacional de explorado/explorador; ou, melhor dizendo, em que existe um paciente explorado e um agente patogénico explorador. E, ainda, um sistema relacional em que o elemento dominante (a mãe) faz uma constante rejeição libidinal do sujeito: porque este não é o pénis perfeito (não o simboliza) que lhe falta, e de cuja carência não abdicou, nem o parceiro edipiano que a decepcionou (o próprio pai) — mas serve, é utilizado para descarregar a raiva narcísica dessa decepção do seu (dela mãe) passado infantil. É também — como o dissemos no colóquio a *Morte Vista Por* (Janeiro de 1982) — um *sistema relacional em perda libidinal permanente*: o que a mãe deseja do filho — um amor de pai e mãe e um *complemento narcísico* (sobretudo isto) —

não o pode obter, e o que o filho precisa da mãe — um amor que o preencha e o *capacite a amar-se a si próprio como é*, não o deixando com falha narcísica — jamais o tem.

Um dos maiores riscos evolutivos de uma organização depressiva é a utilização de uma defesa antidepressiva pela homossexualidade; designadamente, quando uma «homossexualidade» estruturante não foi vivida na infância — se o vazio depressivante da relação com a mãe não foi, de certo modo, colmatado pelo amor paterno, o indivíduo tende a procurar no parceiro homossexual um substituto libidinal paterno que o defenda de afrontar o conflito e carência maternos. É a perigosa posição tomada por alguns analistas entendendo a depressão como uma defesa — a «defesa depressiva» — contra a receptividade anal homossexual. Invertem as coisas: esta receptividade anal homossexual é uma defesa (patológica) antidepressiva — e poderosa —, mas não menos maléfica que a depressão. É o risco analítico de transformar uma estrutura masoquista depressiva numa conduta homossexual não é tão teórico como tal — os exemplos não são agulhas em palheiro. O problema da resolução da depressão é o da deflexão do sadismo e da desvinculação do objecto primário; a reparação do *Self* por um movimento de introjecção anal pode ser um momento transitório de reconstituição narcísica — e é-o frequentemente, dada a corrente falência da figura paterna (dada a ausência real do pai e, sobretudo, a sua *ausência no fantasma da mãe*) —, mas com todos os riscos de libidinização de um processo intermediário e principalmente defensivo, não só da abordagem do conflito primário, como do conflito edipiano — da rivalidade edipiana, do confronto edipiano, da identificação secundária e edipiana ao objecto do objecto. O que é importante — *importantissimo* — no movimento anal do Eu, é o controlo do objecto, a mestria do Eu, a delimitação e consolidação do *Self*, a individuação-separação, a comunicação à distância, o desenvolvimento da simbolização, do pensamento e da palavra, da força e da compleição do próprio; e não o erotismo anal, essencialmente perverso. Mas, neste terreno, e no espírito de alguns autores — ou nas suas formulações — reina uma grande confusão; em grande parte decorrente da dificuldade em reconhecer o estatuto e papel da agressividade.

A inveja do falo (anal) materno e/ou paterno — a inveja do *poder* dos pais —, que é um dado da analidade, pode, de facto, originar um fantasma de desejo de recepção anal do pénis paterno, em ambos os sexos, numa posição de submissão (ou submissão-prazer) anal; mas é um fantasma defensivo, de defesa contra o sadismo — do próprio e projectado no objecto. Pode-se-lhe seguir, como dissémos atrás, uma erotização desta defesa — mas esse é um dos principais mecanismos em jogo na perversão.

A decepção, provocada pela mãe, reforça — como Freud o disse no *Presidente Schreber* e em *Totem e Tabu* —, «naqueles que ainda se não libertaram do estado narcísico», o investimento homossexual. É todo o problema da homossexualidade reactiva e defensiva nas estruturas narcísico-depressivas.

Um outro mecanismo antidepressivo correntemente tomado como uma melhoria autêntica da depressividade ou organização depressiva é a erotização da passividade e da dependência, um certo masoquismo erótico, dito feminino, que recobre e esconde a depressão e a agressividade contida — é «o porreirinho ou a porreirinha lá do sítio». A defesa, aqui, está na dificuldade em assumir um certo e normal falo-narcisismo e agressão. É certo que o depressivo tem uma forte resistência à receptividade amorosa (que frequentemente recusa, embora no fundo ansiosamente a deseje), mas essa resistência é oriunda da ilusão a que esteve sujeito — *julgar-se amado pelo objecto infantil, sentindo que não o foi* (há uma clivagem entre a crença — consciente — e o afecto — recalçado).

SUMMARY

The author starting from a clinical vignette of a case of a young man with phobic symptoms but whose character was mainly obsessive, shows how the neurosis first became evident through a love experience in latency — his first exogamic attachment.

After giving up this first love the patient falls into a depression, that later on is structured as an obsessive character disorder and

coloured by phobic symptoms. What remains from giving up the first love is submissiveness to the Super-ego (this last shown by the fact that the subject accuses himself and exculpates the mother-figure who is considered «not guilty»).

The author sees in agreement with Roheim in neurosis more than the negative of a perversion. Neurosis in the adult is the negative of the childhood neurosis. Other solutions for the same conflict, besides the healthy adaptation to reality are: the maniac attitude, the

depressive reaction (already described in the clinical vignette), homosexuality (mainly in those cases where narcissism has not been bypassed), a masochistic attitude (with erotisation of passivity and dependence).

REFERENCIAS

ROHEIM, G. (1943) — «Sublimation», *The Psychoanalytic Quarterly*, 12.